

A mediação da linguagem na promoção de interações recíprocas no ambiente da sala de aula

The mediation of language in the promotion of reciprocal interactions in the classroom environment

La mediación del lenguaje en la promoción de interacciones recíprocas en el entorno del aula

Edmilson Francisco¹

Resumo

O artigo tem como objetivo destacar a importância do uso da linguagem como instrumento de desenvolvimento humano e de transmissão do conhecimento no ambiente da sala de aula e de suas implicações para o ensino e a aprendizagem. A concepção de linguagem é abordada como “instância viva”, utilizada por parceiros (alunos e professores) que a utilizam no jogo da comunicação linguística estabelecida no contexto da sala de aula, por meio da troca de enunciados, em interação, e que, juntos, se constroem mutuamente, mediados por essa linguagem. A discussão é amparada por Bakhtin (2003) e Faiclough (2006), nos quais buscamos alinhar seus conceitos teóricos, referentes à concepção da linguagem como um fenômeno social profundamente enraizado na interação e no diálogo. Intentamos assinalar o quanto importante é a linguagem no ambiente da sala de aula, se for utilizada eficazmente como instrumento de desenvolvimento humano e de produção de conhecimentos.

Palavras-chave: Linguagem; Contexto da sala de aula; Ensino e aprendizagem mediados pela linguagem

Abstract

The article aims to highlight the importance of the use of language as an instrument of human development and transmission of knowledge in the classroom environment and its implications for teaching and learning. The conception of language is approached as a "living instance", used by partners (students and teachers) who use it in the game of linguistic communication established in the context of the classroom, through the exchange of utterances, in interaction, and that, together, mutually construct each other, mediated by this language. The discussion is supported by Bakhtin (2003) and Faiclough (2006), in which we seek to align their theoretical concepts, referring to the conception of language as a social phenomenon deeply rooted in interaction and dialogue. We intend to point out how important language is in the classroom environment, if it is used effectively as an instrument of human development and knowledge production.

Keywords: Language; Classroom context; Language-mediated teaching and learning

Resumen

El artículo pretende destacar la importancia del uso del lenguaje como instrumento de desarrollo humano y transmisión de conocimientos en el entorno del aula y sus implicaciones para la enseñanza y el aprendizaje. La concepción del lenguaje es abordada como una

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte/MG, Brasil.

E-mail: ferriceliuei2014@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5357-3617>

"instancia viva", utilizada por compañeros (estudiantes y docentes) que la utilizan en el juego de la comunicación lingüística establecida en el contexto del aula, a través del intercambio de enunciados, en interacción, y que, en conjunto, se construyen mutuamente, mediados por este lenguaje. La discusión es apoyada por Bajtín (2003) y Fairclough (2006), en los cuales se busca alinear sus conceptos teóricos, refiriéndonos a la concepción del lenguaje como un fenómeno social profundamente arraigado en la interacción y el diálogo. Pretendemos señalar la importancia que tiene el lenguaje en el ambiente del aula, si se utiliza eficazmente como instrumento de desarrollo humano y de producción de conocimiento.

Palabras clave: Lenguaje; Contexto del aula; Enseñanza y aprendizaje mediados por el lenguaje

Introdução

A linguagem desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e na transmissão² do conhecimento, especialmente no ambiente da sala de aula, utilizada por alunos e professores no contexto da comunicação linguística, como uma "instância viva", para troca de enunciados e para interação constante, permitindo que ambos os parceiros se construam mutuamente, mediando o processo educacional.

A linguagem é um veículo para expressar identidade cultural e pessoal, pela qual tradições, histórias e valores são transmitidos, fortalecendo o sentido de comunidade e pertença. Sendo uma ferramenta fundamental para a interação social, não só transmite informação, mas também emoções, intenções e relacionamentos, sendo essencial para a construção e manutenção de laços sociais. Além disso, reflete a sociedade em que vivemos, adaptando-se e evoluindo para atender às nossas necessidades de comunicação e expressão e é esse caráter dinâmico a torna uma parte essencial e fascinante da experiência humana.

Baseando-nos nas teorias de Bakhtin (2003) e Fairclough (2006), nossa discussão alinha-se à concepção da linguagem como um fenômeno social profundamente enraizado na interação e no diálogo. Assim, pretendemos evidenciar, neste trabalho, como a linguagem pode ser um poderoso instrumento de desenvolvimento humano e produção de conhecimentos no contexto educacional.

²Ao utilizarmos "transmissão de conhecimentos" no texto, o fazemos a partir das perspectivas de Mikhail Bakhtin (2003) e Norman Fairclough (2006), cada um com abordagens distintas, mas complementares. Para Bakhtin, o conhecimento não é transmitido de maneira unilateral, mas construído através da interação e do diálogo entre os interlocutores. Para Fairclough, a transmissão de conhecimentos é permeada por relações de poder que moldam o discurso e, a linguagem, ao transmitir conhecimento, também reproduz e transforma estruturas sociais e ideológicas. Desse modo, o papel da linguagem na transmissão de conhecimento, sob a ótica de ambos, envolve tanto a construção social ativa e dialógica de sentidos (Bakhtin) quanto a reprodução e a potencial transformação de estruturas sociais e ideológicas (Fairclough).

A linguagem como instrumento de desenvolvimento humano

Ilari (2001) afirma que há uma relação dialética entre linguagem e realidade, dado que “a língua organiza o pensamento, produz ideias e compõe o quadro de referências para o agir do homem no mundo, [...] mas o que é fundamentalmente constitutivo é a capacidade que tem de recriar constantemente essa realidade, uma vez que ela é histórica” (ILARI, 2001, p. 12).

Dessa perspectiva, a linguagem é entendida como trabalho social e histórico que acontece entre sujeitos, para sujeitos e com sujeitos “a historicidade da linguagem, ao mesmo tempo, cria uma nacionalidade cultural e, portanto, móvel, e dá-lhe um dinamismo, que a faz ‘aberta aos trabalhos do entendimento’ e ‘às provocações da imaginação’ (FRANCHI apud ILARI, 2011, p. 12).

Ao pensarmos em um trabalho com a linguagem, precisamos considerá-la vinculada ao mundo real, haja vista que a linguagem é dinâmica, viva e não estática, e acompanha os acontecimentos históricos, ou seja, ela se recontextualiza (FAIRCLOUGH, 2006). A expressão "recontextualizações da linguagem" foi utilizada por Norman Fairclough e refere-se ao processo de transportar elementos de um contexto discursivo para outro, de modo que adquiram novos significados ou funções. Como já dito, como a linguagem é dinâmica, ela evolui constantemente, refletindo mudanças culturais, sociais e tecnológicas na sociedade. Como um fenômeno vivo, a linguagem está em constante evolução e mudança, surgindo novas palavras e expressões, enquanto outras caem em desuso. O vocabulário de uma língua está em constante crescimento e adaptação, muitas vezes influenciado por inovações tecnológicas, modas culturais e eventos históricos.

As “recontextualizações da linguagem” citadas por Fairclough (2006) se compatibilizam com as teorias desenvolvidas por Bakhtin (2003) no que tange a uma concepção de linguagem fundamentada em uma perspectiva sociocultural. Os autores apontam não como um sistema formal de normas, mas como um fenômeno vivo, que na sua eventicidade se manifesta nos enunciados criados suscitando uma resposta, uma tomada de “posição axiológica” (FREITAS, 2010, p. 14).

Freitas (2010) ao discutir sobre a concepção de linguagem, se fundamenta na perspectiva sociocultural, afastando-se da ideia tradicional de que a linguagem é um sistema formal de normas rígidas. Ele destaca a "eventicidade" da linguagem, ou seja, o caráter

dinâmico e situacional dos enunciados que são criados. Esses enunciados não são estáticos, mas estão sempre em processo de gerar uma resposta, refletindo a ideia de que a comunicação é uma ação contínua e interativa. Ao mencionar “tomada de posição axiológica”, o autor se refere ao fato de que cada enunciado carrega uma carga de valores e julgamentos. Em outras palavras, ao usar a linguagem, as pessoas não apenas transmitem informações, mas também expressam suas atitudes, opiniões e posicionamentos éticos e morais. Portanto, a linguagem é vista como um fenômeno vivo e ativo, profundamente enraizado no contexto social e cultural em que é utilizada. E por ser um fenômeno vivo e ativo, do qual nos valem para interagir e trocar enunciados, o uso da linguagem vai nos constituindo como seres humanos, tornando-a fundamental para a formação da nossa realidade e da nossa identidade.

Para Ferraro (2021, p. 1),

A partir disso, a linguagem passa a ser concebida como elemento constituinte da realidade, ao contrário do que ocorria no interior da tradição metafísica, em que se acreditava que as palavras eram apenas rótulos para elementos “reais” que, por sua vez, existiriam, verdadeira e originariamente, apenas em um plano metafísico. Assim, partindo dessa nova/outra maneira de nos relacionarmos com o mundo – agora por meio da linguagem –, compreende-se que a totalidade daquilo que é pensado por nós está estruturado a partir de um sistema de signos; de símbolos que estruturam a língua e a colocam em movimento como linguagem. Logo, o que estaria “fora” da linguagem – sem nome, designação ou forma de representação – se torna inconcebível em uma dimensão do real, o que vai ao encontro da afirmação de Ferdinand de Saussure que sustenta a impossibilidade de qualquer conceito que não possa ser nominado e, portanto, (res)significado. (FERRARO, 2021, p. 1).

Nessa direção, é através do uso da linguagem que moldamos nosso entendimento do mundo e de nós mesmos, destacando a ideia de que os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo. Ou seja, a linguagem molda a nossa percepção de mundo - se não conceituo ou não tenho palavras, é como se algo não existisse para mim. Desse modo, os limites da minha linguagem definem o que posso conhecer e entender no mundo. No entanto, fazer uso da linguagem não é apenas se apossar de um conjunto de palavras ou frases, mas de todo um sistema de enunciados que adquirem um significado no contexto da comunicação. Em outros termos, a linguagem só obtém sentido se dirigida a alguém, criando um ciclo de comunicação onde uma resposta é esperada e, deste ciclo, resultam os enunciados, que são co-construídos pelos interlocutores, influenciados pelo contexto e pelas vozes envolvidas, e

representam um processo de influência recíproca – dinâmica essa essencial para a compreensão e continuidade da comunicação.

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem é formada por enunciados e, a enunciação é:

o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado” (BAKHTIN, 2003, p. 114).

Bakhtin (2003) coloca os participantes da fala e a situação social bem precisa como determinantes para o estilo e a forma da enunciação. Nesta mesma perspectiva de linguagem, Freitas (1994) descreve que:

Foi a partir de uma concepção dialógica da linguagem que Bakhtin afirmou sua verdadeira substância, constituída pelo fenômeno social da interação verbal. Ignorar a natureza social e dialógica do enunciado seria apagar a profunda ligação existente entre a linguagem e a vida. Os enunciados não existem isolados: cada enunciado pressupõe seus antecedentes e outros que o sucederão; um enunciado é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior desta cadeia (FREITAS, 1994, p. 138).

Freitas (1994) entendeu bem a essência do que Bakhtin afirma acerca da concepção dialógica da linguagem ao dizer em outras palavras que, o seu cerne, sua característica principal é ser dialógica, ou seja, ela não existe de forma isolada, mas sempre em um contexto de interação social e comunicação entre indivíduos.

A natureza dialógica da linguagem carrega aspectos que evidenciam a sua não existência isolada: interação social, significados construídos de forma conjunta, influência do contexto na construção de significados, as múltiplas vozes e discursos que compõem a linguagem e influência recíproca entre os interlocutores. A visão de Bakhtin destaca a importância dos parceiros da enunciação na determinação do conteúdo e da forma do discurso, complementando a ideia geral de que a linguagem é essencialmente dialógica, contextual e influenciada pela interação social. O autor afirma que, no que se refere ao tema enunciado (texto) e aos parceiros da enunciação, estes se constituem como elemento mais importante para a vontade enunciativa ou o querer-dizer do falante ou locutor e que determinam a escolha do gênero e a realização concreta do enunciado.

A vontade enunciativa do falante se realiza antes de tudo na **escolha de um gênero do discurso**. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc. (BAKHTIN, 2003, p. 282, ênfase texto original).

Entende-se, a partir de Bakhtin que, ao escolhermos um gênero para produzirmos um enunciado, este fará diferença na forma como nos dirigimos aos interlocutores, pois a enunciação se define pelas possibilidades deixadas pela esfera/campo de comunicação em que se dá (ROJO; BARBOSA, 2015). Na relação a ser construída entre os sujeitos (emissor e receptor), no contexto social, distinguem-se “dois pólos limites” (Bakhtin, 2003, p. 117) e, tanto um lado quanto o outro, tem suas elaborações ideológicas e tomadas de consciência próprias. Isso quer dizer que, quando o emissor, em razão de sua atividade mental, provoca uma reação no receptor por meio de uma informação, o receptor, conseqüentemente, responde à elaboração feita pelo emissor. O receptor toma consciência do que foi elaborado pelo emissor e estrutura uma resposta por meio de uma elaboração ideológica própria, a partir de suas experiências e concepções socialmente construídas.

Para explicar sobre a existência de dois pólos entre os sujeitos (emissor e receptor) que intentam construir uma relação, Bakhtin (2003) se utiliza da metáfora da fome para explicar que a maneira como cada indivíduo enxerga, reage e pensa sobre a fome, depende do contexto e do grupo do qual este sujeito faz parte. Acerca disso, o autor afirma ainda que “a situação social determina que modelo, que metáfora, que forma de enunciação servirá para exprimir a fome a partir das direções inflexivas da experiência” (BAKHTIN, 2003, p. 119) e que a fome, como um “outro sujeito”, provoca reações diferentes em sujeitos pertencentes a grupos e contextos sociais diferentes. Para ele, “a atividade mental desse indivíduo isolado, sem classe, terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas, cuja gama pode ser bastante extensa: a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental” (BAKHTIN, 2003, p. 118).

Ao usar esta metáfora, Bakhtin nos explica que, dependendo do grupo social e do contexto do qual fazemos parte, nele enunciando e expressando, as reações, as respostas às elaborações e às enunciações feitas “pelos outros”, pertencentes ao nosso grupo ou não, serão diferentes, dado que cada grupo e contexto social possuem elaborações ideologicamente diferentes. Da mesma forma, a resposta do receptor poderá causar no emissor uma mudança

de postura ou refazimento de sua enunciação, sob a condição de, caso não a refaça, não ser compreendido, incorrendo em uma “construção reta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social (BAKHTIN, 2003, p. 120). Para o autor, o discurso, a enunciação e as expressões só são reais quando entram em contato com o contexto social real e participantes reais nos quais efetivam sua objetivação.

As ideias de Freitas (1994) e de Bakhtin (2003) são complementares na medida em que ambas sublinham a importância da linguagem na construção e compreensão do mundo. A primeira afirmação foca no papel da linguagem em delimitar nosso mundo interior e exterior, enquanto a segunda se concentra em como essa linguagem é utilizada na interação com outros, formando uma ponte entre indivíduos. A ideia de que a linguagem provoca uma resposta no outro reforça a visão de que a comunicação é uma via de mão dupla. Isso ressoa com a noção de que a compreensão do mundo de um indivíduo é ampliada através da interação com outros. Por meio da troca de enunciados, expandimos nossos próprios "limites" ao incorporarmos novas perspectivas e conhecimentos. Assim, ambas as afirmações destacam aspectos cruciais da linguagem: seu papel fundamental na formação da nossa percepção do mundo e sua natureza essencialmente comunicativa e social. A afirmação de que a linguagem é crucial tanto na formação da nossa percepção do mundo quanto na sua natureza comunicativa e social se alinha estreitamente às categorias bakhtinianas do contexto de produção, assunto que trataremos na próxima seção, explicando como este alinhamento acontece.

O alinhamento das categorias bakhtinianas com a linguagem

Mikhail Bakhtin abordou as categorias do contexto de produção em sua obra "Problemas da Poética de Dostoiévski" ("Problemy Poetiki Dostoevskogo"), publicada pela primeira vez em 1929. Estas categorias podem ser resumidas como: (1) parceiros da interação (locutor e destinatário), (2) objetivos da interação, querer-dizer do locutor, (3) a esfera onde ocorrerá a interação, que delimita o contexto da situação, com suas marcas ideológicas, sociais e culturais, (4) tema e (5) o gênero escolhido (e suas formas realizáveis).

As categorias bakhtinianas de contexto de produção se alinham aos aspectos da linguagem no que tange aos parceiros da interação por Bakhtin afirmar que a linguagem é inerentemente dialógica, existindo sempre em um contexto de interação entre pelo menos

duas pessoas: o locutor e o destinatário. Isso se alinha perfeitamente com a natureza essencialmente comunicativa da linguagem, pois a linguagem ganha significado na troca entre interlocutores, reforçando a ideia de que a comunicação não é uma via unilateral.

Quanto ao objetivo da interação e o querer-dizer do locutor, a linguagem é usada para atingir certos fins e transmitir intenções, o que está diretamente relacionado ao papel da linguagem na formação da percepção do mundo, pois o que um locutor deseja comunicar molda a maneira como ele vê e interpreta a realidade. Além disso, ao transmitir essas intenções, a linguagem constrói um entendimento compartilhado entre os participantes da comunicação. A esfera onde ocorre a interação engloba o contexto situacional com suas marcas ideológicas, sociais e culturais, aspecto que ressalta a linguagem como não neutra, mas carregada de significados contextuais que refletem e moldam a percepção do mundo dos indivíduos, reforçando a natureza social da linguagem, uma vez que os contextos culturais e ideológicos são construídos coletivamente e influenciam a forma como nos comunicamos. O tema da interação define o conteúdo do que está sendo discutido e está sempre inserido em um contexto específico, alinhado com a percepção de que a linguagem molda nosso entendimento do mundo. O que escolhemos falar e como escolhemos abordar certos temas refletem e influenciam nossa visão de mundo. Quanto ao gênero escolhido para a interação, com suas formas realizáveis, ele define as convenções e expectativas de como algo deve ser dito em determinado contexto. Os gêneros discursivos são sociais e historicamente situados, reforçando tanto a natureza comunicativa quanto a social da linguagem e guiam a forma e a estrutura de nossa comunicação, moldando assim nossa percepção e interação com o mundo. Estas categorias bakhtinianas influenciaram a proposta do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) no qual Bronckart é o seu maior representante.

Consoante Francisco, Goulart e Ferreira (2021), o ISD é

um termo criado por Bronckart (1999; 2004) para nomear um campo de teorização acerca das condições do desenvolvimento humano, baseado nos estudos e concepções de Spinoza, de Marx, de Vygotski e de Bakhtin. O ISD constitui-se em uma vertente mais específica do interacionismo social, que se refere a uma posição epistemológica na qual se inserem diversas correntes da filosofia e das ciências humanas, conforme descreve Bronckart (1999). Segundo o autor, essa posição considera a historicidade do ser humano, no que tange às condições em que se desenvolvem, na espécie, modos particulares de se organizar na sociedade e formas de interação de caráter semiótico, tendo em vista o processo de formação do organismo humano em pessoa. No quadro epistemológico do ISD, as condições de produção nascem

de bases epistemológicas fundadas em diferentes correntes, e foi com esta posição epistemológica denominada interacionismo social e com os trabalhos de Vygotsky e de Bakhtin, que a linguagem começou a ser vista sob outro prisma. (FRANCISCO; GOULART, FERREIRA, 2021, p. 131).

Na perspectiva do quadro do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999), a tese central é a de que o desenvolvimento do propriamente humano é resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado pelo desenvolvimento de instrumentos semióticos, no qual a linguagem é, sem dúvida, o maior deles.

Bronckart (1999), baseando-se na reflexão de Vygostky em *Pensamento e Linguagem* (1934), concebe a linguagem como instrumento fundador e organizador de processos psicológicos superiores (como percepção, cognição, emoções e sentimentos). Com isso, Bronckart (1999) esclarece que a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem como unidades de análise a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente. Dos três aspectos mencionados, a linguagem destaca-se como o elemento central na abordagem do ISD e, por conseguinte, para uma ciência do humano. Inclusive, o ISD defende que os signos da linguagem fazem parte da gênese da constituição da consciência. Nos dizeres de Machado (2009), o ISD procura demonstrar que as práticas de linguagem situadas são os maiores instrumentos do desenvolvimento humano, não só sobre o conhecimento e o saber, mas também em relação às capacidades de agir e da identidade das pessoas. Ela destaca também que a construção das capacidades cognitivas é fruto de um processo inicialmente marcado pelo sociocultural e pela linguagem.

Quanto ao aspecto social e à atividade, Bronckart (2009) compreende como sendo a maneira como são organizadas as funções comportamentais dos seres vivos em relação ao meio ambiente e os elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente (BRONCKART, 2009, p.31). Nesse sentido, a língua(gem) é tida como uma organização social que, através de uma construção histórica permanente, estrutura-se a partir de signos, os quais são postos em uso na representação de três mundos: *mundo objetivo ou físico, mundo social, mundo subjetivo*³ - termos tomados de Habermas (1989). Juntos, esses mundos representam o contexto da atividade social.

³ Segundo Abreu-Tardelli (2006, p. 23), para Bronckart (1999), o *mundo objetivo* é constituído pelos conhecimentos coletivos adquiridos em relação ao meio físico. Assim, para ser eficiente em uma determinada atividade, deve-se ter representações pertinentes em relação a esse meio. O *mundo social*, por sua vez, diz respeito à maneira de se organizarem as tarefas comuns, ou seja, as modalidades convencionais de

Conforme Bronckart (2009, p. 91), o agente-produtor, engajando-se em uma ação de linguagem, mobiliza representações sobre os mundos e, a ação de linguagem é, no quadro do ISD, uma unidade de cunho psicológico e “designa as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que podem exercer influência sobre a produção textual”. O que Bronckart quis dizer é que a produção textual não ocorre em um vácuo, mas sim dentro de mundos formais que influenciam e moldam essa produção. Esses mundos formais são categorizados em três tipos principais: *físico*, *social* e *subjetivo*. O *mundo físico* refere-se ao ambiente material e natural em que os indivíduos se encontram e inclui elementos como o espaço, o tempo e os objetos que circundam o indivíduo. Esses elementos podem influenciar a forma como os textos são produzidos e interpretados. Por exemplo, a descrição de uma paisagem em um texto literário é influenciada pelo mundo físico percebido pelo autor. O *mundo social* abrange as relações sociais, normas, valores e instituições que compõem a sociedade. A linguagem e a produção textual são profundamente influenciadas pelo contexto social, incluindo a cultura, as interações sociais e as convenções comunicativas. Um texto jurídico, por exemplo, é moldado pelas normas e regras do sistema legal de uma sociedade. Já o *mundo subjetivo* relaciona-se às experiências internas, emoções, pensamentos e percepções do indivíduo. Cada pessoa traz suas próprias vivências e subjetividades para a produção textual. A escrita de um diário, por exemplo, é diretamente influenciada pelo mundo subjetivo do autor.

Interações recíprocas via linguagem no contexto da sala de aula

A partir dos conceitos teóricos de Bakhtin (2003) no que concerne ao jogo da comunicação linguística, compreendemos que o contexto social e as trocas estabelecidas entre os participantes do grupo social é que determinarão se o diálogo se situará e a comunicação se efetivará. Desse modo, advogamos que os ambientes de aprendizagem, no caso a sala de aula, necessita ser e estar estruturada para que todo o potencial interativo e comunicacional emerja, possibilitando que os conteúdos, os enunciados e as linguagem(ns) a ser(em) utilizada(s) favoreça(m) o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os participantes envolvidos na situação de ensino e aprendizagem fazem parte de um contexto e grupo social real. O “centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está

cooperação entre os membros do grupo e o conhecimento coletivo acumulado para a realização de uma tarefa. O *mundo subjetivo* é constituído pelas características próprias de cada indivíduo engajado na tarefa e pelos conhecimentos coletivos acumulados a respeito dessas características.

situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 2003, p. 124). A afirmação de Bakhtin evidencia que a linguagem e a enunciação não são fenômenos puramente internos, mas estão profundamente enraizados no contexto social e interativo em que ocorrem. Aplicada à sala de aula, a afirmação de Bakhtin nos faz entender que a interação social é a base da comunicação.

No contexto da sala de aula, a comunicação estabelecida entre professor e aluno é primordialmente um processo social, no qual os significados das palavras e enunciados ganham sentido pleno dentro desse contexto interativo, onde a troca de ideias e informações acontece continuamente. O meio social onde os alunos estão - sala de aula, escola e lugar onde vivem - influencia significativamente a maneira como eles interpretam e respondem às enunciações do professor, dado que fatores como cultura, contexto socioeconômico, experiências prévias e dinâmicas sociais da turma moldam a compreensão e a participação dos alunos.

A afirmação de Bakhtin sugere também que o meio social colabora para a construção coletiva do conhecimento, revelando-nos que o professor não é aquele que detém o conhecimento e o transmite aos alunos, mas que ele deve ser um mediador que guia e organiza os conhecimentos de todos, permitindo que tanto ele quanto os alunos construam entendimento por meio das interações estabelecidas entre eles. Isso se justifica pelo fato de que todos os envolvidos na prática comunicativa carregam em si diversas vozes e perspectivas e que as levam para a sala de aula. No desenvolvimento das atividades, o professor necessita considerar essa diversidade de vozes, criando um ambiente inclusivo onde diferentes pontos de vista são valorizados e debatidos. Ao fazer isso, o professor estará exercitando a escuta, evidenciando a importância da escuta empática, que envolve não apenas a compreensão das palavras, mas também a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo suas emoções e perspectivas (BAJOUR, 2012).

Freitas (2010, p. 22) afirma que a linguagem é de suma importância, visto que passa a ser um “instrumento mediador que permite aos professores e alunos entrelaçarem-se no processo de produção do conhecimento como elemento constitutivo do ensino e da aprendizagem”. Como instrumento mediador, Freitas vê a linguagem como uma ferramenta essencial que possibilita a comunicação e a troca de ideias entre professores e alunos. A linguagem não é apenas um meio de transmissão de informações, mas um mecanismo pelo

qual se dá a co-construção do conhecimento. Essa mediação permite que os alunos não sejam meros receptores passivos, mas participantes ativos no processo educativo.

Ao referir-se ao entrelaçamento no processo de produção do conhecimento, o termo "entrelaçarem-se" indica uma interconexão dinâmica e contínua entre professores e alunos. Ambos os grupos são vistos como coautores no processo educativo, onde a interação e o diálogo são fundamentais. O conhecimento é construído coletivamente, através da troca de perspectivas e do confronto de ideias e essa interação promove um ambiente de aprendizagem colaborativa e participativa. Quanto aos elementos constitutivos do ensino e da aprendizagem, Freitas (2010) enfatiza que tanto professores quanto alunos são elementos essenciais na formação do ambiente de ensino e aprendizagem e que a linguagem atua como um vínculo que une esses elementos, permitindo que o ensino se torne um processo bidirecional e interativo. Esse enfoque transforma a sala de aula em um espaço onde o conhecimento é continuamente negociado e reconfigurado através da interação verbal. No que tange às implicações práticas, tudo isso significa que o papel do professor não é apenas o de transmissor de conhecimento, mas também de facilitador e mediador, que ajuda os alunos a desenvolverem suas próprias compreensões e habilidades. Por meio de práticas pedagógicas que valorizam o diálogo, a reflexão crítica e a colaboração, a linguagem se torna um meio poderoso de engajamento e desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, a afirmação de Freitas sublinha a importância da linguagem como um meio vital para a interação educacional, onde professores e alunos colaboram ativamente na construção do conhecimento, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e eficaz.

Por ser a linguagem dialógica, por provocar no outro uma ação responsiva, para Freitas (2010, p. 22), a “prática pedagógica supõe essas relações interpessoais nas quais ocorrem interações recíprocas via linguagem de um sujeito ativo com outros sujeitos ativos”. A afirmação de Freitas ressalta a importância das interações interpessoais e do papel ativo de todos os envolvidos no processo educativo.

Considerações finais

A prática pedagógica não se limita à transmissão unilateral de conhecimento do professor para o aluno. Em vez disso, ela envolve relações interpessoais ricas e dinâmicas, nas quais professores e alunos interagem e se influenciam mutuamente. Essas interações são

fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, pois permitem a troca de experiências, ideias e conhecimentos. A linguagem é o principal meio pelo qual essas interações ocorrem. Por meio do diálogo, perguntas, respostas, discussões e debates, professores e alunos engajam-se em um processo contínuo de comunicação. Essas interações recíprocas são cruciais, pois permitem que todos os participantes expressem suas perspectivas, esclareçam dúvidas, construam significados e desenvolvam um entendimento mais profundo dos conteúdos abordados. Tanto professores quanto alunos são vistos como sujeitos ativos nesse processo e isso significa que cada indivíduo tem um papel importante na construção do conhecimento. Os alunos não são receptores passivos de informações, mas participantes engajados que contribuem ativamente com suas ideias, experiências e reflexões. Do mesmo modo, os professores não são meros transmissores de conhecimento, mas facilitadores que guiam, motivam e estimulam o pensamento crítico e a autonomia dos alunos.

Ao olharmos para a nossa prática pedagógica tendo em vista a importância das interações interpessoais e o papel ativo de todos os envolvidos no processo educativo, serão várias as implicações para o processo educativo. Dentre as várias implicações, destacamos que o método de ensino tornar-se-á participativo, haja vista que promoverá a participação ativa dos alunos, seja em trabalhos em grupo, discussões em sala de aula, projetos colaborativos e métodos de ensino baseado em problemas, que são fundamentais. Além disso, levará à criação de um ambiente de aprendizagem aberto e respeitoso, onde todos se sintam à vontade para expressar suas ideias e opiniões, aspecto essencial para facilitar as interações recíprocas. Somadas a essas implicações, ainda destacamos que o envolvimento, a participação ativa de alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem e a abertura para o estabelecimento de interações interpessoais no contexto da sala de aula permitirão que se desenvolvam habilidades sociais e comunicativas dos alunos, tais como a capacidade de argumentar, negociar e colaborar, que é crucial para fomentar relações interpessoais produtivas, além de promover a reflexão crítica sobre os conteúdos estudados e sobre o próprio processo de aprendizagem, que ajuda a consolidar a autonomia e o pensamento independente dos alunos. Acreditamos que uma prática pedagógica eficaz é aquela que valoriza e promove as interações interpessoais recíprocas, mediadas pela linguagem, entre sujeitos ativos. Essa abordagem não só enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também contribui para o desenvolvimento integral dos alunos como pensadores críticos e cidadãos participativos.

Referências

- ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **trabalhodoprofessor@chateducacional.com.br- Aportes para compreender o trabalho do professor iniciante em EAD**, 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008278.pdf>>. Acesso em 15 julho 2024.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura/Cecília Bajour: Tradução de Alexandre Morales**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- BRONCKART, Jean Paul. **Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas**. Revista Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 49-69, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2344/2293>>. Acesso em: 24 julho 2024.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. London; New York, Routhedge: 2006.
- FERRARO, José Luís. **Wittgenstein e os jogos de linguagem**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 30, 10 de agosto de 2021. Disponível em:<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/30/wittgenstein-e-os-jogos-de-linguagem>>. Acesso em: 20 julho 2024.
- HABERMAS, Jurgen. **Consciência Moral e Agir Comunicativo/ Jurgen Habermas**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1989.
- SINDER, Marilene. **Resenha de Vigotski e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto/ Maria Tereza de Assunção Freitas**. Educ. Soc. 18 (60). Dez 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73301997000300012>>. Acesso em: 19 julho 2024.
- FRANCISCO, Edmilson; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; FERREIRA, Helena Maria. **Situações de uso da linguagem no ensino remoto de língua portuguesa em contexto pandêmico**. *Devir Educação*, 450–474, 2021. Disponível em: <<https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/479>>. Acesso em: 19 julho 2024.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista. Belo horizonte, v. 6, n. 03, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17/>>. Acesso em: 20 julho 2024.
- ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STELLA, Paulo Rogério. **Problemas da obra de Dostoiévski** (Versão de 1929) [Problems of Dostoevsky's Creative Arts1 (1929 Edition)]. Bakhtiniana, São Paulo, 18 (1): 161-170, jan. /mar. 2023. Indexado no: Bakhtiniana/Revista de Estudos do discurso, Ano XV, jan. /mar. 2023.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido: julho/2024.

Publicado: novembro/2024.